



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

*Versão para registro histórico*

*Não passível de alteração*

CPI - FUNAI E INCRA			
EVENTO: Reunião Reservada	REUNIÃO Nº: 0144R/16	DATA: 10/03/2016	
LOCAL: Prefeitura Municipal de Sananduva - RS	INÍCIO: 18h11min	TÉRMINO: 19h33min	PÁGINAS: 40

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

LEONIR FRANCO - Cacique kaingang, Reserva Passo Grande do Forquilha.  
RODINEI ESCOBAR XAVIER CANDEIA - Procurador do Estado do Rio Grande do Sul.  
LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados.  
MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA - Delegado de Polícia Federal.

SUMÁRIO

Tomada de depoimento.

OBSERVAÇÕES

Reunião realizada na Prefeitura Municipal de Sananduva, Estado do Rio Grande do Sul.  
Há palavra ou expressão ininteligível.





**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Estamos aqui na cidade de Sananduva, na Prefeitura de Sananduva, a equipe técnica da CPI - FUNAI e INCRA da Câmara dos Deputados, a pedido do Presidente da CPI, para apurar as circunstâncias que foram narradas e para ouvir diretamente os componentes das comunidades indígenas acerca dos seus problemas e anseios.

Primeiramente, quero registrar o nosso agradecimento à acolhida do Cacique Leonir Franco, que se prontificou voluntariamente a vir conversar conosco, e estamos aqui dispostos a ouvi-lo.

A equipe é formada por mim, pelo Dr. Fernando Rocha, Consultor da Câmara, Dr. Marcelo Xavier, Delegado da Polícia Federal, e pela equipe técnica, com o Luiz e o Francisco, e Dr. Lucas Carvalho, também Consultor da Câmara Federal.

Eu vou solicitar a gentileza de, quando falarem, dizerem o seu nome, porque é só gravação, para podermos identificar.

Quem é mais que te acompanha, por favor, Cacique?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Tem o Capitão da reserva, Edimar Franco...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Edimar Franco.

**O SR. LEONIR FRANCO** - É, e um membro da comunidade. Então tem liderança e comunidade.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Como é o nome dele, por favor?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Davi Felix.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Davi?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Felix.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Felix.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Depois eu convidei o... Como é...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Clóvis?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Clóvis. Ele trabalha aqui no Município, na cidade, na parte mais de...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não, seja sempre muito bem-vindo. Eu o conheço antes do senhor.

**O SR. LEONIR FRANCO** - É? (*Risos.*)

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Muitos anos.





**O SR. LEONIR FRANCO** - Eu o trouxe porque ele atua direto aqui.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Sem problema, não há problema nenhum. Se houver mais alguma pessoa que o senhor queira convidar, não há problema. É uma sessão pública. A não ser que o senhor próprio queira que se reserve alguma coisa.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Não!

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não? Então, só para lhe explicar: nós compomos a parte técnica da Comissão, ou seja, nós não somos a parte política. Nós somos encarregados de assessorar todos os Deputados e trazer a realidade mais palpável, a mais factível que for, a mais verdadeira para a CPI, dar sugestões técnicas e assessorá-los para os encaminhamentos da CPI.

A CPI tem por finalidade apurar as circunstâncias tanto de conflitos havidos, no âmbito da relação das comunidades indígenas entre si, das comunidades indígenas isoladas, ou das comunidades indígenas com comunidades não indígenas, e também apurar as relações dentro do INCRA, porque também há outra circunstâncias de lotes, enfim, de assentamentos que também geram um monte de problemas.

Nós temos ouvido, principalmente lá em Brasília, muitas opiniões a respeito da vida dos indígenas, sobre como deve ser, como não deve ser. Vou narrar para os senhores — já narrei em outras ocasiões. Por exemplo, há uma opinião de que não deveria um indígena praticar a agricultura ou a agricultura nos moldes em que o agricultor branco pratica. E aí nós questionamos — foram pessoas da FUNAI que falaram isso — por que eles consideravam isso, porque não era uma realidade aqui na Região Sul e que, no nosso entender, isso deveria ser perguntado às comunidades indígenas.

E assim essas e outras opiniões também são feitas em todo o País, e nós entendemos lá que era interessante. E isso foi também encaminhado pela Presidência da CPI, que realmente se buscasse aqui na ponta, diretamente com as comunidades indígenas, com as pessoas, para identificar claramente o conflito, a natureza do conflito, as aspirações e os problemas por que os senhores passam e, afinal de contas, o que nós podemos sugerir. Nós não temos o poder de resolver, mas nós podemos sugerir — tanto a parte política quanto a parte técnica —, para a





administração do Executivo medidas ou, no âmbito legislativo, quais medidas legislativas podem ser interessantes.

Então nós queríamos que o senhor nos narrasse, por favor, como é que aconteceu a questão do pedido de demarcação aqui em Sananduva, nos contasse a história do seu grupo, e depois também narrasse essa circunstância em que os senhores estão vivendo porque nós já sabemos que não são as melhores, ao contrário, são situações de bastante vulnerabilidade. E é interessante que o Brasil todo tenha conhecimento realmente do que está se passando aqui.

Então, era isso. Nós queremos ouvi-lo. O senhor pode falar à vontade. Nós vamos conversando, perguntando e, à medida que o senhor desejar, o senhor vai respondendo.

Peço que o senhor fale ao microfone.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Eu vou diferenciar, que nem eu falei no começo, o Sul do restante do Brasil. Aqui nós já temos contato, a bem dizer, com o homem branco há quase 500 anos. E o índio, desde que o Brasil, na verdade, foi invadido, vivia da caça e pesca. Hoje, se eu fosse viver disso, era vantagem vir aqui em Sananduva e ficar mendigando as moedinhas. Então eu não vejo como mais o índio daqui do Sul viver disso. Sem contar que os tempos avançam. A gente também tem que seguir isso, mas não deixando de ser índio, né? A cultura e a língua se mantêm vivas, assim como tem italiano que ainda mantém isso, o polaco. Não é diferente. Só que o povo branco nos vê como se fosse incapaz de hoje seguir a mesma coisa, de fazer o que o homem branco faz. Só que daí eu até hoje não entendo o porquê, porque índio é uma raça e tem uma língua, o italiano é uma raça e tem uma língua e o gringo também é uma raça e tem uma língua. E o Governo também automaticamente ajuda a eu fazer isso. Se hoje nós temos conflitos, esses impasses aí na questão da demarcação é por culpa também do Governo, porque o Governo nos trata como se fosse... Antigamente, na época da CPI, era pior. De 88, dali para frente, começou a melhorar um pouco, porque o índio, na verdade, ficou autônomo, porque, de 88 para baixo, era como se fosse uma criança de menor, que não podia fazer nada. Por exemplo, nós não podia sair lá de Charrua e vir tomar uma área que foi do nosso antepassado. Naquela época, se fosse, o Governo trazia e levava de volta. Hoje, não. Hoje não é mais isso. Hoje está na Constituição que eu posso fazer





isso, mostrar que sou capaz. Só que o Governo não vê isso. Ele acha que o povo caingangue aqui do Sul, que pega Santa Catarina, Paraná e vai até São Paulo, ele tem que viver de batata e mandioca. Tudo bem, isso pode ser feito na parte da agricultura, né? Só que, veja bem, vou pegar o exemplo do Município (*ininteligível*), vamos plantar 2 mil hectares de batata e mandioca. Eu vou botar isso onde? Ao redor tudo é agricultura. Sananduva, aqui é tudo... É família de agricultores. Eles também têm. Agora se fosse grudado em São Paulo, na cidade, eu tinha como vender e viver, alimentar minhas famílias, né? Mas aqui não. Aqui eu tenho que seguir... Eu preciso fazer o que os agricultores fazem para mim viver, que seria o plantio, já vou dizer, direto, soja, milho, essas coisas aí que fosse ver, porque... Veja bem, se eu botar um filho meu na escola ali, ele precisa de um calçado, tênis bom, roupa, porque já é difícil o índio ser aceito na sociedade do homem branco, imagina se ele fosse de pé no chão para a escola! Então, seria bem mais feio. Mas, veja bem, se o índio vai como um filho meu, um filho de qualquer um da comunidade, bem vestido na escola, ou vir para a cidade bem vestido, não vai deixar de ser índio. Então, não vejo por que o Governo vê dessa forma. Ele quer tratar nós como se fosse antigamente, que nem era. Ele acha que nós temos que viver tudo no meio do mato. Isso não é que nós estamos fugindo da cultura, fugindo da tradicionalidade. Só que ele tem que entender que... Em que década nós estamos? Eu não posso ficar pendurado no orelhão, enquanto todo o mundo tem celular. Eu também tenho vontade, acho que os índios também têm vontade. Ou é só porque ele é índio, ele vai ter que ficar morando numa oca? Não é bem isso. Hoje nós temos o quê? Trator com 200 horas. Nem isso, né? Com 180 horas, novo, plantadeira, caminhão. O que o homem branco faz, nós fizemos e acompanhemos. Mas eu não sei o que o Governo quer. E se existe problema na parte de agricultura de arrendamento, que o Governo bate tanto, até os próprios Deputados batem tanto que o índio tem terra e arrenda, é por culpa do Governo. Eu não tenho acesso, vamos dizer já... Tem gente que consegue, dessas áreas mais antigas, acesso àquele programa Minha Casa, Minha Vida, o programa do Lula, Mais Alimentos. Eu não consigo isso. Então, vamos pegar a reserva do Ligeiro, que é mais... dá quase 4 mil hectares. Mas por que essas famílias não têm acesso a esse programa? Porque o agricultor que tem 10 hectares ele empenhou a terra, ele consegue ter acesso a esse financiamento, e o





índio, não. Então, tem muita coisa que eu acho que o Governo tem que entrar mais para dentro e ver o que está acontecendo. Esta camiseta que estou vestido aqui é à vista, para mim comprar. Estou pegando o exemplo de uma camiseta. Agora, se o índio, uma família, vamos pegar aqui a família do Davi, ele tinha o quê, uma reserva, vamos supor que ele tinha 20 hectares, se ele fosse querer comprar um trator, qual é o cara que ia aceitar, qual é o banco que ia liberar um trator para ele, se ele não tem um título? Não seria nem um título, não tem como. Então, eu acho que o Governo tem que mudar a forma de ver ali. Nós estamos retomando uma área ali do Passo Grande, mas eu acho que vai ter que ser muito bem pensado. Eu acho que quando sair, quando nós entrar na parte da indenização — eu sei que é mais para frente, é sofrido e tudo — eu acho que o Governo tem que sentar com nós e discutir isso, porque não adianta ele dar a terra e jogar o índio em cima. Nós vamos ter que criar uma linha de crédito para começar a trabalhar, plantar. Se não vai acontecer como as outras, não adianta. Acho que o Governo tem que ver esse lado e não tratar como todos. Lá para cima é diferente. Lá para cima pode se encaixar também. Só que cada caso é um caso. Eu costumo dizer cada área é uma área. Não adianta dizer que Ligeiro é igual Cacique Doble, que Cacique é igual Votouro, porque vocês foram lá. Não sei se o povo branco vê isso, uma reserva, no meu ponto de vista, é como se fosse uma empresa: tem o cacique, o capitão, a liderança. A liderança seria o grupo da diretoria, e administrar aquela área. Agora como é que um cacique vai administrar ali sem nenhum caminho aberto para bater? Hoje, você vai pedir, vai montar um projeto ali e não passa. Tu leva para a FUNAI, a FUNAI manda para frente. Só que depois que sai da FUNAI não tem andamento. Aí tu chega lá faz um projeto que vai plantar 200 hectares de soja. Qual é o Governo que vai dizer: *“Planta! Vamos abrir uma linha de crédito para vocês plantarem soja numa área federal”*. O Governo não faz isso. Eu não sei como é vocês veem isso, mas do meu ponto de vista é isto: o índio hoje está pensando.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Confesso o seguinte: nós ouvimos antes pessoas e, pela própria experiência pessoal, eu já trabalhei nessa região numa tese indígena há mais de 20 anos, as questões se renovam e se repetem, não tem muita novidade nisso.







E há um tema sobre o qual eu gostaria de ouvir a sua opinião. Perguntamos isso para as outras lideranças, perguntamos há uma hora ao Ministério Público Federal — fomos lá ouvi-los também —, perguntamos ao juiz federal, perguntamos aos agricultores, perguntamos a várias pessoas. Há dois pontos relacionados a um tema, e aí eu queria ouvi-lo, e, se fosse possível, que o senhor pudesse ser bastante sincero para que possamos encaminhar isso da melhor maneira possível.

O senhor falou em arrendamento. Aqui ninguém é criança, sabemos o que acontece em arrendamentos, e o senhor até disse: *“Como é que eu vou fazer, se eu não tenho crédito, se eu não tenho garantia, se eu não consigo um trator, se eu não consigo a semente? Como é que eu vou fazer, se é a solução que me apresentam?”*

**O SR. LEONIR FRANCO** - Hum, hum.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Isso para nós está muito claro. E aí nós perguntamos a várias pessoas: *“Vocês acham correto ou não? Ou vocês acham que é justamente o problema de o arrendamento ser clandestino que gera problema? E se fosse permitido para o indígena o arrendamento ou outro tipo de exploração?”* Ou como o senhor disse, que cada reserva fosse administrada de acordo com o que aquela diretoria acha melhor...

**O SR. LEONIR FRANCO** - Hum, hum.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - ... sem essas distinções entre índio e não índio.

Já nesse mesmo aspecto, eu queria que o senhor falasse também sobre o seguinte: já saiu em outras ouvidas que boa parte — o senhor disse que veio lá de charrua — desses conflitos internos se davam justamente em função dessa gestão do arrendamento. Eu queria ouvir se isso procede. Ou seja, havia alguma disputa em função do produto do arrendamento, não arrendamento? O senhor já ouviu isso de outras reservas? Isso é uma coisa comum, que acontece?

Isso a gente já ouviu. Então eu só queria ouvir a sua versão, para ver como a gente encaminha esse assunto. Onde está o problema que gera o conflito interno, dentro da reserva? O senhor mesmo disse.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Hum, hum.





**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O.k. É demarcado ali o Passo Grande do Forquilha. Aí largam os senhores lá dentro, e vai começar outra disputa?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Eu acho que não. Na minha opinião, não. O problema maior é terra. Hoje os índios podem até, vamos dizer assim, estudar, se formar, se formar um advogado, um doutor, mas eu acho que o índio não está pronto de concorrer no mercado de trabalho. Então eu não vejo outro meio de sobrevivência pro índio a não ser a terra. Ele sabe que para viver hoje cada região tem seu modo. Aqui na região norte, não sei se chega a 20 hectares, que seria o suficiente para uma família sobreviver. Então tu pega uma família de índio ali, pega o Ligeiro, dá quase 4 mil hectares. Acho que deve estar com umas 2 mil famílias agora. Então tu pega duas famílias e divide essa área. E nem seria uma área de 4 mil hectares. O que dá ali, mais ou menos, o que dá para plantar e ocupar a área ali dá o quê? Passa um pouco de mil hectares. É um exemplo que eu estou dando. Então, tu fosse dividir — o exemplo que eu estou pegando é Charrua —, era dividir pra essas famílias. Eu acho que uma família ia viver... Tu acha que uma família ia sair de lá, ia entrar numa cidade e ser bem-vista? Eu acho que não.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Então deixa eu ver se eu entendi. O senhor disse que o problema central, e isso também confirma o que nós já ouvimos, é a falta de terra...

**O SR. LEONIR FRANCO** - Falta de espaço.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - ...falta de espaço para as pessoas e que a falta de preparo para o mercado de trabalho...

**O SR. LEONIR FRANCO** - Hum, hum.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - ...indica que a melhor solução seria terra para essas pessoas poderem explorar.

**O SR. LEONIR FRANCO** - É. É, porque...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Foi isso o que eu entendi. É isso?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Hum, hum. É, porque nós estamos numa região agrária, como tu bem sabe. Pega uma família ali de um branco que tem 5, 10 hectares. Se ele tem um filho que hoje é doutor, advogado, uma coisa assim, é







porque saiu da terra aquilo ali. Eu acho que o pai, a família trabalhou e manteve, pagou os estudos com muito esforço. E hoje ele é o que ele é. Então como é que eu vou encaminhar um filho meu hoje sem terra? Eu acho que não tem, a não ser que eu fosse um empresário.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E a questão do arrendamento? O senhor é contra, ou o senhor é a favor? Imaginemos esta situação: está lá, não tem financiamento, não tem outro meio de fazer. O senhor é contra ou a favor dessa solução, quando não há outra solução possível?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Aí tem que ser... Eu acho que...É um fato que tem que ser bem visto, porque tem arrendamento que o cara é obrigado a fazer; agora tem arrendamento que não. Isso eu afirmo para qualquer um aqui. Imagine você: eu tenho 10 hectares, ele não pode botar um pé de soja ali, um pé de feijão, um pé de milho. Tu não tem de onde tirar. O que acaba acontecendo? Tu tem que achar um meio de sobrevivência. Seja certo ou errado, eu acho que a maioria das famílias... eu acho que um pai de família nunca vai deixar um filho, ele pescar um peixe todo dia para comer, ou sair atrás de um passarinho todo dia para comer, se a 5, 6 quilômetros o cara está comendo filé-mignon aí. Eu acho que não dá pra ver o índio que está dentro da reserva diferente do cara que está fora.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mas o senhor é contra ou a favor de ser ilegal o arrendamento?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Olha, a opinião minha é que o rico sempre explorou o pobre. No meu ponto de vista, acho que o Governo tinha mais é que ajudar essas famílias, pra não acontecer isso. Entrar lá dentro, seja na FUNAI... Hoje, a FUNAI, a bem dizer, não tem papel de... O papel é de assessoria, porque o que ela quer fazer ela não consegue. Pode ser que tenha interesse, mas dali pra frente não passa. Então, hoje o índio está jogado! Agora, se está me perguntando se eu sou a favor ou contra, olha, seria bem contra! Mas como é que devo ficar ali? Ou ia deixar virar mato ou acaba morrendo. Acho que qualquer família ali que tu perguntar isso vai te responder isso. É ilegal, é tudo, né?

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Quer dizer, se houvesse um projeto para que o próprio indígena pudesse explorar por sua própria conta, que a comunidade pudesse explorar...





**O SR. LEONIR FRANCO** - Hum, hum.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Vou lhe dar o exemplo lá de Votouro. Lá, é explorado pela comunidade, uma parte comunitária e uma parte para cada família.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Independente.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E funciona muito bem.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Funciona muito bem.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E eles têm crédito da comunidade branca.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Hum, hum.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Ou seja, eles vão lá e se comprometem a pagar na safra. Eles vão lá e pagam na safra. E os próprios agricultores que a gente ouviu, os brancos... *“Não, aqui não tem problema nenhum. Eu vendo. Ele vai lá e me paga. E chega na hora ele faz tudo certinho. Olha, isto aqui é pra aqui, isso aqui é para tal família, isso aqui...”* Administra-se de forma bem transparente. O senhor é favorável, então, que fosse feito pela própria comunidade indígena nesses moldes?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Olha, tem o cacique para fiscalizar, a liderança e tudo, mas o certo é fazer, né? E cada família pegar e fazer isso também acontecer, porque, se for ver, não há o que falar. É a coisa mais... Qualquer ser humano hoje... Hoje, seria o certo pra fazer. Um exemplo que nós temos aqui é nós! Nós estamos plantando 60 hectares ali. Vou dizer mesmo: não é resistência, como se diz, como o branco acha. Até hoje nós colhemos, plantamos e pagamos conta e tudo.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Deixe-me ver se eu consegui captar. Na verdade, a sua reclamação é falta de políticas públicas para que as comunidades indígenas viabilizem esse plantio, que viabilizem essa exploração, conforme a comunidade quer. É isso?

**O SR. LEONIR FRANCO** - É isso.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Por exemplo, em vez de eu ter lá um historiador que vai lá, eu precisaria de um técnico agrícola.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Hum, hum.





**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Ou seja, que a FUNAI tivesse essa função também de me assessorar ou então que o Estado, através de EMATER, seja lá quem for, tivesse essa parte assim mais de política pública, para auxiliar no projeto agrícola. É isso?

**O SR. LEONIR FRANCO** - É isso aí, porque antigamente existia isso. Eu sou, vou dizer, sou um guri perto de vocês aqui. Tem o Davi aqui também que é um cara de bastante idade. Antigamente existia isso. Tinha técnico, tinha tratorista, tinha um monte de... que atuava dentro. Mas isso na época do SPI, quando o índio só fazia tudo e a FUNAI levava embora, pelo que me falaram, pelo que dizem as histórias. E por que hoje não pode? Primeiro, pra começar, eles tiraram os escritórios da FUNAI das reservas. Hoje...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor acha importante isso, que tivesse o escritório dentro da reserva?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Claro. Um técnico ali, porque pra qualquer coisa que tu for fazer precisa disso. Não adianta. Não adianta eu ali dizer que eu sei, porque... Posso até saber, mas isso leva anos, para adquirir experiência. Em qualquer função, em qualquer trabalho que tu vai fazer, precisa de anos para ter experiência. Então, do jeito que está hoje, claro que precisa. Técnico, tanto na parte de educação, de saúde, é tudo! Preciso disso, que hoje não existe.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Hoje, com que frequência a FUNAI visita vocês aqui?

**O SR. LEONIR FRANCO** - A FUNAI está sempre junto. Só que a FUNAI hoje faz o possível do possível pra tentar ficar, se manter como FUNAI ainda, porque o Governo quer acabar com a FUNAI.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - E quando o senhor fala que o Governo acha que o indígena, como você falou, não tem direito a plantar, é uma coisa que você escuta falar de fora assim, ou, aqui, em Sananduva, ou lá em Passo Fundo tem algum representante do Governo que fala pro índio que ele não pode plantar, que ele não deve plantar? Isso é uma coisa que vem em geral ou aqui você tem alguém que falou isso pra você?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Olha, dizem que o povo daqui, o povo mais de fora, o branco mesmo, não vê essa realidade, não conhece essa realidade. Ele acha





que o índio ganha por dois. Até hoje tem gente que me pergunta quanto eu ganho por mês: “*O que de cesta básica vocês ganham?*” Até dou risada: “*Que bom se eu ganhasse um salário por mês só por ser índio, não é?*” Então, o povo não tem essa visão.

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Mas tem alguma instituição, algum funcionário público que vem cá e fala que vocês não podem plantar? Tem alguma coisa nesse sentido assim?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Não. Isso já é... Hoje, o quê? O índio mais ou menos pode ser incluído é no PRONAF. Eu acho que têm meios que dão para... Só que tu vais ali plantar o quê?

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mas não tem ninguém aqui, digamos assim, da administração da FUNAI que diga: “*Olha, agricultura não é coisa de índio*”. Daqui da região não tem ninguém que diga isso?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Para começar não tem nem como tu chegares e pedires isso aí. Quer dizer, nós sempre pedimos porque a terra é federal. Como é que um banco vai ali? Eu vou te financiar 20 hectares ali, te dou o dinheiro, tu compras a semente e tudo, só que em troca, quando eles forem me pagar, tu vais deixar o que para mim? O que é que vou ter que tomar? O que o banco vai tomar? Esse é o problema.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E o que o senhor entende que poderia servir como garantia, já que a terra não pode ser? A própria colheita? Alguma coisa assim? Teria que ser para todo mundo...

**O SR. LEONIR FRANCO** - Olha, acho que para o começo, de começo, seria a própria colheita.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Todo mundo tem que dar garantias para obter esses financiamentos, não é?

**O SR. LEONIR FRANCO** - É, porque tem muita gente que parece que, quando vê — tem um delegado federal aqui — o Governo, acha que o bicho vai pegar. Só que não seria. Eu acho que, na minha opinião, pelo que dá para ser criado de começo agora, se caso não pagasse a conta, perderia. O banco tinha que tomar a colheita, não é? Ou estudar, ou criar, ou achar uma forma de... porque é uma área federal, não é? Como é que tu... Vamos pegar o exemplo dos títulos que os





agricultores brancos têm hoje. Se o cara não pagou o banco, tomam a área, ou vai a leilão. Agora, se eu plantar ali 20 hectares, se eu não pagar, o banco vai tomar o que de mim? O que eu vou perder? Ele vai me tomar uma área que é federal? Não tem como, a não ser que eu tenha uma caminhonete em meu nome.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E por isso não empresta.

**O SR. LEONIR FRANCO** - E por isso não empresta, por isso é que não dá para financiar.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor falou antes também a respeito do mercado de trabalho, que o indígena não tem condições de concorrer em condições de igualdade no mercado de trabalho. O senhor acha que precisaria de uma política pública especial de qualificação de trabalho indígena, para que o indígena conseguisse concorrer no mercado normal aí dos empregos? O senhor acha que precisaria disso?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Precisaria, só que primeiro tem que ver outro fato, que eu acho que o povo branco não entende muito, não consegue entender, porque o índio é bem diferente do branco. Este teu filho, vamos dizer... Se tu dás, vamos dizer, se tu emprestares 10 mil para o teu filho, tu vais cobrar. E o índio já não é assim. O que eu tenho é meu, e o que é do meu filho é meu. O índio já não tem esse costume, entendeu? Ele é mais unido, vamos dizer assim. Eu vou ter, eu tenho hoje dois filhos. Acho que até onde morrer vão estar comigo, coisa que é diferente... Esse costume o índio acho que não tem ainda de o filho, já no momento que for maior, pegar e seguir a sua própria vida. O pai e a família estão sempre acompanhando, estão sempre unidos. Então, é normal tu veres ali numa família de índios, vamos dizer, pegar o avô...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eu nem estou me referindo a sair, ir embora. Eu estou dizendo ir trabalhar, voltar para dentro da reserva, essas coisas assim.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Não, eu sei, só que ali a saída é o diferencial, é diferente. Eu sair daqui para, vamos dizer, Santa Maria, estudar 3, 4 anos. Ali é difícil, o índio não vai. Então, por que é que eu disse que tinha que ter terra? Porque ele pode procurar uma faculdade mais perto, por exemplo. Hoje tem a UERGS, em





Erexim, Passo Fundo. Tu vais todo o dia e volta. Só que para isso precisa de dinheiro. Então, não adianta. Têm alguns que saem para estudar longe, ganham bolsa e tudo. Agora, para o índio sair, um filho desgrudar do pai de uma família indígena é difícil. Por isso é que eu falei aqui. A saída seria...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor falou na questão de acesso às políticas públicas. O que mais faz falta ali e poderia... O que temos visto é que às vezes parece que fica muito distante a FUNAI, lá em Brasília, a União, a SESAI, essas coisas assim, para prestar o serviço público que às vezes é necessário de saúde, de educação, de alguma assistência. O senhor também considera que fica muito distante isso, que poderia ser mais perto essa prestação de serviço? Vamos ser diretos: pudesse ser prestado pelo Município?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Olha, cada caso é um caso. Pelo Município, tem áreas que hoje sofrem bastante, porque tem muitos Municípios que veem essa diferença: *“Ah, acho que o índio é federal”*. Ele acha que todo índio é como delegado, ele é federal, ninguém bota a mão, o índio pode fazer o que bem entender. Eu não sei por que eles acham isso. Claro, um empregado hoje é bom o patrão sempre estar perto: a porta para bater, quanto mais perto, melhor. Agora, no nosso caso aqui, tu vais para o Município, o Município rebate. Vamos pegar o exemplo da saúde. Tu ligas para o polo nosso — o que atende aqui é Passo Fundo. Tu ligas para Passo Fundo para marcar um exame: *“Não, a Prefeitura tem um compromisso”*. Tu vais à Prefeitura: *“Não, é SESAI, é via Governo Federal”*. E assim vai indo. Ninguém assume.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - É por isso que eu lhe pergunto: não seria melhor prestar aqui, no local?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Seria. Isso acontecia quando tinha as ONGs para arrumar isso com os índios. Depois que o Governo assumiu, acho que ficou tudo mais difícil. Eles tentaram, vamos dizer, deixar o índio mais independente. Por isso até os escritórios saíram das áreas, por causa disso. Eles acham que, vamos pegar um exemplo daqui, quando o filho nascer, o pai tem condição de sair daqui e ir para São José fazer certidão de nascimento, essas coisas? O menino não está preparado ainda. Não é que ele seria incapaz, só que eu acho que seria mais fácil se tivesse







um chefe do posto ali, para fazer tudo: *“Tu não precisas sair do Município para fazer isso”*. Eu não preciso ir para São José e ficar lá na fila para marcar um exame.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - O senhor falou, salvo engano, que antes as ONGs atuavam mais aqui junto à FUNAI. De um tempo para cá, eles têm vindo menos?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Na parte da saúde?

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - No geral.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Vamos dizer que sim, porque... Vou pegar o exemplo aqui da saúde. Quando era... A última ONG que acho que estava trabalhando era a Rondon. Tu marcavas o exame ali daqui a 15 dias, uma semana; tu pegavas, ias a Passo Fundo e ias fazer. Hoje, não; hoje tu tens que entrar na fila do SUS.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Porque ele saiu?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Saiu.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - E tem quanto tempo isso, mais ou menos?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Acho que faz uns 2 anos. Não, acho faz uns 3 anos.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - O senhor viu algum motivo para isso?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Eu não sei.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Não sabe a razão?

**O SR. LEONIR FRANCO** - A razão...O que vou dizer? Também não seria o bicho o cara ficar na fila do SUS, porque o SUS é complicado, o Brasil inteiro culpa... Se o Governo quis unificar tudo, fazer o quê? Não tem o que fazer. Isso na parte da saúde.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - E em outras?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Em educação?

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Tem ajuda de alguma outra ONG ou de alguma coisa assim?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Não.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Nunca tiveram?





**O SR. LEONIR FRANCO** - Nunca tivemos. Quem vem... As ONGs que aparecem vêm só para ver, que nem nós estamos fazendo aqui, vêm só pra conversar, ver como é que está e... É isso. Hoje, por exemplo, nós estamos com as aulas paradas. Estamos num processo para construção de um colégio lá desde 2012, quando começou o processo. É para 2017, e nada ainda.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - As crianças não estudam no Município?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Não. A educação com índio é diferenciada. O Governo já trata...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor acha isso é preciso, que seja diferenciada?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Mas seria na parte de manter a cultura e os costumes. Isso tem que ser diferenciado. O índio preserva bastante isso aí.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O resto poderia ser igual?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Igual à do branco...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eu pergunto por que aquela sua afirmação de que o índio não está preparado como o branco para o mercado de trabalho, a gente já tem notado também algumas coisas dizendo que a educação dada para o índio também não tem a mesma qualidade da que é dada para o branco. O senhor concorda com essa afirmação? Ou é da mesma qualidade?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Quando eu falei que ele não estava preparado, eu me referi à questão financeira.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Hum!

**O SR. LEONIR FRANCO** - É isso. Ele não... Se eu fosse estudar, eu não teria como pagar uma faculdade.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E o curso profissionalizante para profissões técnicas, para daqui a pouco trabalhar com mecânica, daqui a pouco trabalhar com desenho arquitetônico, uma coisa assim? É mais a isso a que eu estava me referindo realmente, para exercer uma profissão que pudesse ser exercida próximo.





**O SR. LEONIR FRANCO** - Olha, aqui nos tempos de hoje, é meio difícil fazer, vamos dizer, pegar um curso de pintura ali e fazer um quadro. Eu vou vender para quem? Hoje, a nossa região é rural. Se isso fosse em São Paulo, em Porto Alegre...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mas eu digo assim: contabilidade, por exemplo. Você poderia trabalhar na cooperativa, na contabilidade da cooperativa ou alguma coisa assim.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Pode ser feito. Eu tenho a intenção de fazer, mas quero trabalhar com o meu povo, entendeu? A maioria dos índios não quer sair da reserva para fazer isso. Hoje tem gente que sai para fazer isso aí, mas...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Bom, há outra coisa. A gente trata de assuntos mais amenos e genéricos, como a gente está tratando aqui, mas também tem que se aprofundar em assuntos que são mais espinhosos. Então, não há aqui nenhuma intenção de constrangê-lo, mas queremos buscar entender o que está acontecendo e também sugerir encaminhamentos depois. Aqui em Sananduva — e isso é notícia na imprensa e em vários lugares — tem uma questão de conflito grave, inclusive de conflitos físicos, até com feridos, com mortos. E aí eu lhe pergunto o seguinte: qual é o motivo dessa onda de tensão que está acontecendo?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Olha, conflito grave, que teve contato físico, só teve um. Mas eu não vou culpar nem nós e, no meu ponto de vista, nem os agricultores. Acho que o que gera a impaciência dos agricultores e dos índios é o processo parado.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Sim.

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Só uma comunicação: tem chegado ao conhecimento nosso um clima praticamente de guerra: ameaças, situações que envolvem armas, agressões. E o posicionamento da Polícia Federal é que esse tipo de situação não pode existir. As manifestações são legítimas, desde que feitas de forma ordeira.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Hum, hum!

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Então, eventualmente, se a pessoa está cometendo algum ilícito, tem que ser presa. Não tem jeito. O sistema normativo é assim. Então, eu queria saber do senhor o seguinte: essas situações





descritas, de ameaças, agressões, armas, pessoas portando armas, tem algum fundo de verdade nisso? O que o senhor tem a dizer sobre isso?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Olha, na questão do processo de demarcação nosso, a questão de arma ali, se existisse, nesse último conflito que teve, acho que iria dar morte, mas não deu. No meu ponto de vista, o clima é mais de guerra fria, mas não de arma de fogo em si.

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Mas iria dar em morte de parte de quem?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Sei lá. Se nós estivéssemos armados, se os brancos estivessem armados, se a polícia fosse investigar — no caso, seriam vocês, da Federal —, vocês iriam ver. Mas não seria mais um... Como o Governo sempre diz, é um clima de guerra aqui. Mas acho que seria mais um clima de guerra fria. Parece que os dois lados ali estão...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mas nós temos registros de feridos à bala no hospital...

**O SR. LEONIR FRANCO** - Teve, dos índios.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - - ...em conflitos entre vocês. A gente não está falando só... Então, é assim: temos registros...

**O SR. LEONIR FRANCO** - Sim. Eu peguei o exemplo aqui do processo de demarcação, eu não entrei nesse...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mas não estamos falando sobre demarcação, até porque senão vamos entrar em discussão sobre marco temporal, e não vai a lugar nenhum isso. Mas a gente está preocupado com esse clima de tensão entre índios e brancos e entre índios e índios. Ou seja, que leitura o senhor faz disso? O senhor acha natural? Pelo que o senhor está expressando, parece meio natural. O senhor acha bom? Acha natural? O que o senhor tem a dizer sobre isso que aconteceu? Isso pode vir a acontecer de novo?

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Só complementando: dentro da Reserva já teve ação, dentro da área de vocês já teve ação em busca de armas pela Polícia Federal em passado, pelo menos foi o que eu recebi de informação. O senhor pode confirmar?





**O SR. LEONIR FRANCO** - É que nem eu falei no começo: cada Reserva é uma Reserva, cada área é uma área. É como eu falei: vamos dizer que o cacique é o presidente, e a liderança seria a diretoria. Se uma área está andando nesse caminho — e podemos pegar qualquer exemplo aí —, sempre tem alguém no meio que não está gostando daquela forma de trabalho. Então, é nesse ponto que acaba acontecendo isso.

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Mas quem de vocês não estaria gostando dessa forma de trabalho?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Sempre tem.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Tá, mas precisa resolver...

**O SR. LEONIR FRANCO** - Na sociedade sempre existe isso.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mas aí precisa resolver com tiro, com bala?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Olha, tem muitos casos que... tem muitas pessoas que pensam dessa forma. Agora, tem pessoas que não. Não dá para generalizar.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E o senhor? O que o senhor pensa?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Olha, no último conflito que teve ali, eu levei dois tiros, dormindo com o meu filho. Só porque queriam me tirar de Cacique.

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Isso foi um conflito entre indígenas, eles vocês ali?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Levantou um grupinho lá de seis famílias que não estavam gostando do...

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Contrário à administração do senhor?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Contrários à administração nossa. É. Então, de 64 famílias, tu tira seis ali. Eu acho que não tem nem cabimento, né? A não ser que desse metade por metade. Aí sim, né?

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor tomou dois tiros. Essas pessoas foram responsabilizadas, foram presas?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Estão presas.





**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Estão presas.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Estão presas. Estão em Erexim, presas — o grupo.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - O senhor sabia que essas pessoas tinham arma lá dentro?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Não, quando aconteceu tudo, o pessoal que, vamos dizer, que me apoiava, o pessoal que ficou, mandou se tirar. Até deu briga lá, mas com arma branca, vamos dizer, pedrada, essas coisas aí. E se retirou. Então essa meia dúzia se armou fora e voltou, né? Até hoje eu não sei como é que conseguiram se armar.

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Dentro da reserva, hoje, tem armas lá dentro?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Eu tenho a minha, que é uma flecha, está pendurada lá. Agora, arma assim...

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Arma de fogo.

**O SR. LEONIR FRANCO** - De fogo, não!

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Não?

**O SR. LEONIR FRANCO** - De fogo não. Até se tivesse, se nós tivesse... É que nem eu falei, né? Vamos passar para o processo da demarcação. Nós tivemos conflito ali que só os nossos índios que levou tiro. Nós não... não teve um cara que levou uma lançada, uma paulada, essas coisas. Agora, teve um guri nosso que levou um tiro nas canelas. Teve marca nos carros nossos de bala. Isso não foi levantado. Acho que não chegou ao conhecimento de vocês.

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Mas esses fatos têm que ser levados.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Até na época, o Davi estava... tinha um Chevette né? Em cima estava...

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Outra situação. Tem chegado ao nosso conhecimento que estaria sendo exigido dinheiro de forma indevida por parte de vocês para deixar em paz algumas pessoas. Isso procede ou não?







**O SR. LEONIR FRANCO** - Na verdade, o dinheiro foi oferecido pra nós, né? Para nós sair dali com uma quantia de dinheiro e... E aquela história que o Governo sempre... se fosse para comprar uma outra área, o Governo estaria pronto, né? Agora, para dar a nossa área, é o processo que decide. *(Riso.)*

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Mas vocês aceitaram esse dinheiro?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Não. Não. Mas isso não tenho como dizer... provar isso. Mas isso chega verbalmente, né? Agora se fosse nós querer, nós levantava isso, ia mais a fundo, né, mas não é nosso interesse se vender, vender nossa área, vender nossa mãe.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Então não há por parte de vocês, nenhuma exigência indevida para deixar as pessoas que estão lá, os circunvizinhos em paz?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Não, porque eu acho que o cara que... A agricultura hoje dá pouco, né? Ela dá para os latifundiários, para os grandes. Para o pequeno dá pouco. Agora o pequeno vai plantar pouco e pagar para plantar? Eu acho que eles não iam aguentar tanto tempo, né? Se fosse isso o que está acontecendo aqui.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - É que chegou ao nosso conhecimento.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Por isso que eu estou falando, por isso que eu costumo dizer: cada caso é um caso. Tem que sentar e esmiuçar para ver bem se é tudo igual.

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Chegou ao conhecimento também a questão de rinha de galo dentro do local lá de vocês. Existe isso lá dentro?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Não.

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Não?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Não.

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - O senhor não tem conhecimento disso?

Veículos clonados, com placa adulterada, o senhor tem conhecimento disso?





**O SR. LEONIR FRANCO** - Não. Eu só levanto uma questão aqui, porque a maioria dos índios — não vou dizer que são cabeça fraca — se deixa fazer muito negócio. Acho que teve um caso que aconteceu numa outra aldeia, no Ligeiro, que teve uma moto roubada e que tinha dois “ de menor” com ela até. Então, é situação que acontece.

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - O senhor, como liderança, isso lhe chega ao conhecimento?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Na minha reserva, não. Hoje, se fosse ver lá, acho que não teria nenhuma... nenhuma situação dessa ia ser levantada.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eu queria que o senhor entendesse uma coisa. Nós não temos aqui a missão de resolver nada. Nós só temos a missão de buscar as informações e propor soluções. É por isso que estamos ouvindo o senhor.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Hum, hum.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O que nos impressiona muito é o senhor dizer que levou dois tiros. Isso, para nós, é uma coisa bastante grave! E o senhor, de certa forma, mostra certa naturalidade com isso. E isso nos preocupa.

Eu queria saber o seguinte: isso que aconteceu e o conflito que houve com os brancos é um clima que permanece ou essa situação está mais tranquila? Veja bem, nós não escutamos ninguém daqui hoje, nós queremos escutar diretamente do senhor.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Olha, o índio, hoje... Eu volto a dizer, eu não sei se o branco realmente conhece que o índio é... eu comparo sempre como se fosse uma abelha. Hoje, se eu pegar e brigar contigo... Não, não, antes disso. Se eu pegar e brigar com esses dois aqui hoje, tudo bem, nós estamos brigados. Agora, se amanhã eu brigar com vocês, eu não estou sozinho, né? O índio sempre é unido. Só que essas coisas acontecem; acontecem e passam. Hoje, pra tu ter uma ideia, é como se nada tivesse acontecido. Hoje, está tudo quieto, tudo em paz, convivendo bem.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor acha que, daqui para frente, há pouca possibilidade de acontecerem mais conflitos, de o





senhor ser vítima de novo de algum atentado, de alguém da sua comunidade ser vítima de algum atentado, de haver algum conflito armado entre bancos e índios? O senhor acha que há pouca possibilidade de que aconteça de novo?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Eu acho... aí depende de cada área ali, né? Eu vou dizer...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eu estou dizendo da sua área.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Sim, eu vou dizer aqui que... Vamos dizer que a nossa área ia ser entregue na nossa mão hoje, né? Daqui a 10 anos, 15 anos, ela ia ficar pequena. Alguém... sempre tem os esperto no meio, em qualquer... Seja índio, não índio, sempre tem aquele que quer mais, né? E, se um dia, alguém querer ter mais que os outros, isso vai acontecer. Mas isso daí depende da comunidade, da administração da comunidade.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Tá. Mas, agora, num panorama de daqui a 6 meses...

**O SR. LEONIR FRANCO** - Hum, hum.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - ...o senhor prevê que aconteça algum conflito? Porque hoje está indefinida a questão da demarcação. Os senhores estão lá numa área pequena, e a outra está *sub judice*, não é?

**O SR. LEONIR FRANCO** - É.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Está indefinido. E não há previsão de que isso se resolva nos próximos anos, porque existe o primeiro grau, depois vem o Tribunal Regional Federal, possivelmente, recurso para o Superior ou até mesmo para o Supremo. Sendo o mais otimista possível, nós estamos falando de um quadro de 10 anos, e são 10 anos em que não vai mudar muita coisa.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Hum, hum.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Dentro desse quadro, o senhor acha que o nível de violência pode diminuir, aumentar ou as coisas vão se acalmar?





**O SR. LEONIR FRANCO** - Olha, pra começar, acho que, na Bahia, os pataxós levaram 70 anos para tomar a área, né? Se levar 10 anos ou 20 anos, o pessoal vai aguentar. Agora, na parte do conflito, eu acho que não, a não ser que eu ia querer mais que o restante das família lá, né? Alguém, com certeza, ia se levantar! Alguém... a não ser que eu ia me apoderar de tudo. Isso daí é óbvio que sempre tem um que não vai ficar gostando. Seja em qualquer reserva isso acontece.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Então, é questão de gestão interna?

**O SR. LEONIR FRANCO** - É gestão interna.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E a gestão externa, esse relacionamento com a comunidade branca, o senhor acha que ele vai se acirrar ou vai se acalmar daqui para frente, até que se resolva a questão da demarcação?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Aí eu não sei. Aí depende de tudo, porque...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E da sua parte?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Da minha parte, olha, nós estamos mais cansados que boi na canga. É um empurra daqui, outro empurra de lá, e nada se resolve. E é que nem eu falei, né, o clima vai ficando tenso, daí tem gente que acha não vai dar em nada, tem quem acha... tem aquele que diz: "*Ó, vamos pegar e resolver de outro jeito*". E não só nós. Os brancos também pensa, eu acho, dessa forma.

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - O que o senhor entende por resolver de outro jeito?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Hum, seria o conflito, né? Seria que.. Tu sabes. Tu fazeres um movimento ali... É complicado tu fazer. Agora, tu me diz ali como é que — quem nem no São Caetano teve o conflito — tu segura ali 200 pessoa? Na hora, cada um pensa de um jeito, né? Eu sou líder ali, eu aponto um caminho, mas sempre tem aquele que não vai querer seguir aquele caminho.

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Mas o senhor sabe que o conflito é o pior caminho?

**O SR. LEONIR FRANCO** - É o pior caminho! É o pior caminho!

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - E que o conflito desqualifica totalmente qualquer legitimidade de qualquer pleito que vocês tenham.





**O SR. LEONIR FRANCO - É.**

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Vocês vão ficar absolutamente deslegitimados no pleito de vocês!

**O SR. LEONIR FRANCO - É, é.**

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Mas...

**O SR. LEONIR FRANCO** - Mas é que nem eu falei, né, delegado. Tem gente que pensa dessa forma, tem gente que não! Seja índio ou branco, sempre existiu esses dois pensamento, né?

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Há outra coisa que nos têm falado, e algumas comunidades também pedem mais presença dos serviços públicos, como eu já falei, e serviços públicos de segurança, porque foi vendida, erroneamente, uma ideia de que em área indígena ou com índio só quem pode atuar é a Polícia Federal. Isso não é verdade! Isso não é verdade porque a Polícia Federal é uma polícia judiciária. Então, ela nunca vai fazer policiamento ostensivo, ela nunca vai atender uma ocorrência. Isso é função da Brigada Militar. E a Brigada Militar tem se escondido e dito: *“Não é minha responsabilidade. Não vou fazer”*.

O senhor acha que a presença da Brigada Militar de uma forma um pouco mais efetiva, para que, quando o senhor precisar, o senhor chamá-la para atender algum conflito, alguma coisa, *“Olha há a possibilidade de que haja arma lá”* — porque não é fácil de se mobilizar a Polícia Federal —, o senhor acha que isso poderia resolver um pouco, para acalmar um pouco, se ela pudesse lhe auxiliar?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Eu acho que sim, porque teve... nesse último conflito, que eu levei dois tiros, na verdade foi oito feridos, né, a primeira coisa que eu fiz foi ligar para o SAMU, né, e imediatamente avisar a Brigada, para que tomasse... E não foi feito, tanto de Sananduva quanto de Cacique. Só que eu acho que a Brigada também tem... Não sei se ela comprou essa informação ou se ela aderiu a essa informação. Eu pedi uma reunião aqui, depois que teve o conflito ali. Até fiz uma ata e mandei para a Polícia Federal, em Passo Fundo, pedindo que se sentassem a Civil, a Brigada e a Federal e ver qual é a função de cada um. Porque o nosso costume tu sabe, a nossa tradição a gente nunca vai deixar. Hoje, eu vou te dizer: tem um capitão aqui. Bebeu, bagunçou, nós temos uma cadeia lá. É um





castigo. A gente dá um castigo interno nosso, para que se mantenha o respeito e, vamos dizer, a paz, para que a Brigada não esteja... ou senão nós tínhamos que ter uma delegacia lá dentro, um posto policial. Então, esse é um costume nosso que nós nunca vamos deixar. Só que, quando passa disso, é necessário. Só que daí eu já ligo direto para a Federal, porque não adianta. Se eu ligar para a Brigada aqui, de Cacique, eles dizem: “*Olha, não é com nós*”. Só que também não vou culpar eles por causa disso, porque tem áreas ali que não aceitam eles entrar, seja a Civil ou a Brigada. Mas isso daí é problema deles, né? Agora, no meu ponto de vista, eu gostaria de trabalhar com eles. Quer dizer, eles têm de trabalhar, porque, além de ser brasileiros, eles também são cidadãos, né, do... gaúchos, gaúchos.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Exatamente. Nós temos a concepção de que os senhores têm tanto direito quanto os demais e, portanto, têm direito também à segurança pública. Não têm que ficar resolvendo tudo na bala.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Isso. É que nem... Acho que foi em 2004 que nós tivemos uma conversa com o ex-Ministro Cardozo que poderia ser trabalhado dessa forma. Só que eu acho que eles também têm de ter um treinamento específico, porque eles não vão ali trabalhar com gente que nem... com pessoas que nem da cidade. São pessoas que têm costumes diferentes, que...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - É outra abordagem.

**O SR. LEONIR FRANCO** - É. Eles tinham de ter um treinamento preparado para esse tipo de coisa.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Cacique, o senhor falou aí do Ministro, de uma reunião em Brasília. O Ministério da Justiça apoia vocês? Vocês têm encontrado... Às vezes, as pessoas reclamam que eles fazem uma promessa e depois não cumprem. Qual a relação de vocês com o Ministro, com o Secretário? Existe esse contato?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Olha, no meu ponto de vista, para um é um só. Eu já ouvi falar que a FUNAI não faz nada, a não ser que um cargo mais acima autorizasse. A gente sabe que é verdade. Então, eu não sei qual é dos três Poderes que hoje tem a decisão. Tu chegas aqui no Estado, e o Estado: “*Não a questão é*







*federal*". Tu chegas no federal, e o federal quer mandar lá para o Supremo. Eu não sei hoje mais o que...

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Mas vocês têm contato com esse Ministério em Brasília? Vocês têm alguma reclamação, algum elogio? Como é que esse contato, já que ele é o Executivo?

**O SR. LEONIR FRANCO** - O contato com eles ali é mais ou menos na força. E tu fazendo pressão, daí tu tem esse contato; senão, não.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Alguém já veio de lá de Brasília para cá para ouvi-los?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Veio o assessor só.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Quem é o assessor?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Veio o Marcelo...

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Marcelo Veiga?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Veiga. Depois veio o... o... Edmilson. Veio a Terezinha. Só que o índio tem um costume, né? Ele sempre quer bater na porta certa. Em vez de falar com o empregado, quer falar com o patrão. Nós entendemos que esse pessoal não resolve.

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - E, após a vinda do Marcelo, o senhor entrou em contato com ele para expor a sua insatisfação?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Foi colocado. E eu acho que não só nossa, como dos agricultores também, na parte do pessoal da demarcação. Mas eles... Tu sabe que ele só leva e traz, né, o poder de decisão é em último... Sei lá quem tem o poder de decisão. Mas eu diria que era mais para acalmar os ânimos. Acho que é mais para isso que esse pessoal vem.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Na verdade, a CPI tem essa função de investigar e fazer um relatório da realidade. Então, nós não estamos realmente fazendo promessa nenhuma. Mas, evidentemente, podemos fazer recomendações de todas as ordens, até mesmo em matéria de segurança pública, para pacificação. Isso podemos fazer. Então, nós também não vamos nos comprometer com nada que não seja da nossa atribuição. Nós nos comprometemos em colocar sua posição, e ela vai ser apreciada.





O senhor teria disposição de ir a Brasília para depor lá na Câmara? Porque, quando lerem o seu depoimento, daqui a pouco, até mesmo os Parlamentares do Governo vão querer ouvi-lo. O senhor teria disposição de ir lá?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Teria. Teria, sim. Mas a CPI tem uma linha para seguir? Como seria? Ou é mais para ouvir?

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Ela é mais para ouvir.

**O SR. LEONIR FRANCO** - E o que a CPI tem em mente? Ela acha que...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - A CPI é como se fosse um inquérito policial. Deram lá para a CPI o seguinte: *“Olha, existe um conflito indígena no País, existe conflito com o INCRA. Vão lá identifiquem o porquê desse conflito e qual é a solução para parar com isso”*. Então, é isso.

Do que nós já ouvimos, uma coisa é muito clara para nós. O senhor disse que temos de resolver logo a questão da demarcação, porque é isso que está pegando e está gerando conflito.

**O SR. LEONIR FRANCO** - E na parte de o Governo querer comprar áreas, como fica? Porque eu acho que se ouviu de todos os índios o que eu falei aqui, né? Os pataxós aguentaram 70 anos lá. Eu estou com 24 anos. Se Deus me der mais 40, eu fico.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Na verdade, nós podemos propor até que uma das funções... E nós achamos que é muito coerente adquirir área, mas adquirir como o senhor disse. Não é só adquirir e jogar os índios lá. É adquirir uma área, dar assistência, fazer um projeto de viabilidade, ajudar vocês, colocar um funcionário da FUNAI lá dentro, enfim. Se o senhor entende que isso é possível, nós temos poder, sim, de encaminhar essa solução.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Mas tem de esclarecer ali que é a terra-mãe, né? Tem de ser a terra-mãe, a terra de vestígios tradicionais...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Hã, hã.

**O SR. LEONIR FRANCO** -...não uma área comprada tipo... Índio teve no Brasil inteiro, né? Mas os vestígios recentes...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Tá. Vou lhe dar um exemplo.





**O SR. LEONIR FRANCO** - Vou pegar o Passo Grande. Os últimos índios ali saíram em 74. Hoje, eu tenho índio lá morando comigo que morava ali, que voltou para retomar ali. Então, tu pegas esse índio e vais levar lá para Passo Fundo?

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não, eu vou lhe dar um exemplo.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Tu achas que esse índio vai?

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eu vou lhe dar um exemplo. Nós temos lá o Município de Getúlio Vargas, tá?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Hum, hum.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Aqui, num canto de Getúlio Vargas, foi demarcado o... o....

**O SR. LEONIR FRANCO** - O Mato Preto.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - ...o Mato Preto. Foi oferecida uma área aqui do lado, com 600 hectares. E, aí, o Ministério e a FUNAI impediram os índios de aceitar esse acordo. Para o senhor... Veja bem, eu estou distante aqui 1, 2, 3 ou 10 quilômetros. Veja bem, tem reserva lá em Cacique, tem reserva em Charrua, parece-me que todos...

**O SR. LEONIR FRANCO** - Por todos.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eu vou lhe dizer que meus familiares narram que eles recebiam os indígenas, quando passavam...

**O SR. LEONIR FRANCO** - Quando passavam.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Quando passavam daqui para Caseiros. Aqui em Três Pinheiros, eles faziam pouso dentro do galpão do meu avô. E meu avô os recebia de uma forma muito amistosa, porque os adorava, adorava os indígenas que passavam ali. Então, é passagem. Está de certa forma dentro do contexto indígena. A pergunta é: se não for assim... Olhe, eu não vou demarcar a sede da comunidade de São Caetano, mas tem gente que quer comprar, que quer vender aqui do lado, a 1 quilômetro, a 5 quilômetros, a 10 quilômetros, dentro desse contexto geográfico aqui. Isso para o senhor seria aceitável?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Olha, tu falou do Bom Conselho. Vamos pegar um pouco da... Nós tentamos; não aceitaram. Eu falei isso por quê? Porque, hoje, se tu





vai pegar o processo de Forquilha, tem agricultor que aceita, tem agricultor que não. Só que também tu não pode fazer um queijo suíço: furar aqui, furar ali.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Entendi.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Então, acho que tem que sentar com cada um e achar uma forma de tratar, porque, primeiro, os índios não deixam...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor não teria oposição a que se tentasse fazer uma solução dessas?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Eu acho que o interesse de sair dali para outra, não. A não ser que... Não, acho que não teria.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Veja bem, surgiu, em uma determinada época — chegou ao meu conhecimento —, uma área de mil hectares em Barracão.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Em Barracão.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Vocês não se colocariam em Barracão, que está do mesmo contexto geográfico?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Eu acho que não, porque em Barracão eu não tenho um cemitério antigo meu. Eu não tenho... Vamos pegar aqui a avó dele. Não tem um neto, um filho enterrado ali. Ali, nós temos dois, e é o que nos garante.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mas, veja bem, vamos admitir que se consolide ainda mais a questão da fixação do marco temporal, que não estava ali. E aí, fixa-se e diz-se que não é, daí o que nós vamos fazer?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Olhe, para mim, do meu ponto de vista, o marco temporal foi...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não, não, mas vamos falar em hipótese. Fixa, como aconteceu no Mato Preto, por exemplo, que o juiz declarou que não tinha ocupação tradicional. Vamos admitir só em hipótese — não estou dizendo. E aí, como resolvemos a situação da sua comunidade?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Daí teria de achar uma terra, né? Mas isso em segunda hipótese. A primeira é essa.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Hã, hã!

**O SR. LEONIR FRANCO** - Mas o que pessoal ali fala — até vocês mesmo podem estar a par disso —, que são só 237 hectares ali e morreu.





**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Aqui?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Aqui em Forquilha. Para cá.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Vocês indicam só 237?

**O SR. LEONIR FRANCO** - É o que o povo branco acha.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Ah, o que o povo branco acha.

**O SR. LEONIR FRANCO** - O povo branco acha, a maioria dos políticos acha.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - E vocês reivindicam quanto aqui? Porque eu não conheço a região.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mil e novecentos, não é?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Mil e novecentos hectares. Primeiro, nós queremos uma terra que seja suficiente para nossa... porque, com certeza, aquela era maior do que isso aí. Eu acho que naquela época os índios não caçavam só em 230 hectares.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Mas, vamos dizer que são 1.900 que vocês reivindicam. Seria possível um acordo para diminuir um pouco e continuar na mesma área?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Ué! (*Riso.*)

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - As coisas são conversáveis? Veja bem, eu não tenho condição de fazer acordo nenhum. Estou só perguntando, em tese, se essa situação é conversável.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Essas vindas do assessor do Ministro que desceu aí foi por modo disso. Mas é conversa que não chega a lugar nenhum. O índio, vamos dizer, é unido. Tem o líder, a liderança, e o restante segue. Agora o branco não. Você tem 10 hectares, ele tem 20, ele tem 200, ele tem 180. O processo é independente pra eles, entendeu? Então, é complicado resolver. Nós tínhamos feito o acordo: livrar São Caetano e Bom Conselho. Mais ou menos ia dar uns mil hectares aqui. E, em compensação dessa redução, nós íamos comprar esse tal do Barracão aí. No futuro, meu filho poderia ir para lá, poderia até evitar problemas no futuro. O pessoal que ficou de fora não ficou gostando, o pessoal que ficou atingido também não, e se deu para trás.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Não resolveu.





**O SR. LEONIR FRANCO** - Não resolveu. Então, isso que acaba acirrando mais.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - É isso que me preocupa. Essa disputa judicial vai durar mais 10, 15, 20 anos, e, nesse período, nós não vamos resolver a situação da sua comunidade e do conflito?

**O SR. LEONIR FRANCO** - É.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Isso que me preocupa. O senhor vai estar com quantos anos? Nós vamos estar sentado aqui de novo, o senhor vai estar lá com 50 anos e vai estar com esse pepino na mão ainda?

**O SR. LEONIR FRANCO** - É interesse para... É uma meta que eu tenho.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Ou a gente pode...

**O SR. LEONIR FRANCO** - Vamos dizer que eu saia e entre outro, é a meta que o povo tem. E não adianta. Meu filho nasceu já ali em cima. Ele vai estar com essa mentalidade. Se durar 70 anos, eu morro. Agora você pega meu pequenininho ali, que já cresceu com essa meta: *“Eu quero essa terra, eu quero essa terra”*. Tu acha que ele vai largar? Tu acha que o filho dele vai largar, que nasceu lá? O Davi tem os netos dele que nasceram lá. Tu acha que eles vão largar? Pode morrer eu, pode morrer ele, mas aquele pequenininho sabe que ele nasceu lá e que um dia ele vai querer de volta. Tu, na tua terra natal, um dia antes de morrer, tu vai querer dar uma passada. Então, eles têm de ver bem para resolver isso aí. Eu acho que a luta do índio mais é acho que... dá para se dizer que é eterna. Interesse de ficar rico e de viver bem eu tenho, mas é em cima daquela terra. A meta é aquela terra. Eu acho que passaram no Mato Castelhana, em Votouro, acho que no Mato Preto, ali, a meta é essa. Não adianta. O que me sustenta ali é o cemitério, é meus vestígios. Agora não adianta sair daqui e dizer que achamos índio enterrado lá em Passo Fundo. Pode ser que existiu índio lá, mas onde tinha o agrupamento, onde ficava a aldeia é ali. Hoje tem velhinhos lá que se tu chegar e disser para eles... A minha avó, por exemplo, os caras cometeram um erro, deixaram a tapera dela lá intocável. Está lá a fonte de água que ela tinha, os pinheiros que ela juntava. Estão lá no meio de uns 180 hectares. Está lá a moradia dela. Isso para o lado de Sananduva. Aí, do lado de







lá de Cacique, ela enxerga. Meu filho morava lá. De lá, eu ia lá no pasto tomar banho.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Ali morava a família de Pedro da Silveira. O senhor lembra? Esses que são seus parentes?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Por raça, sim; por questão de parentesco, não, digo, seguindo a linha do branco. Mas por raça, por indígena, sim.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mas o senhor disse que era sua tia, seu avô, eles são dessa família?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Minha avó. Não, não tinha só aquela família. Essa família foram os últimos que saíram, que se sentiram oprimido e acabaram vendendo a área, porque não tinham mais... É praticamente... Se fosse ver, é como se fosse hoje. Hoje o índio está ali esquecido, oprimido. Se eu não me virar, eu morro. Ou consigo aqui, ou consigo ali, um jeito vou ter de fazer.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Bom, eu esgotei os meus temas. Não sei como é que os senhores estão.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Vocês querem complementar com alguma coisa? Querem deixar um recado?

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O que vocês querem que levemos para os Parlamentares? Porque nós vamos levar. Hoje, essa discussão está no centro do Congresso Nacional. O senhor sabe que há PECs que estão circulando.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Isso.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O que o senhor quer que nós levemos do senhor?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Acho que essas últimas palavras minhas. Pode... Sei lá. Chega lá e diz que cada índio tem uma meta que seria eterna, a não ser que... Pode até morrer essa geração. A nova geração está vindo. Se a questão é ali, é ali. Não adianta querer comprar área, não adianta dar isso em troca. Não adianta vir ali com 10 anos de carência, que nem acontece com os reassentados sem terra, do MST, porque não vai adiantar.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Uma pergunta aqui que me veio. O senhor falou que tem plantados aqui quantos hectares?





**O SR. LEONIR FRANCO** - Nós?

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - É. Hoje.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Nós estamos com 60 hectares hoje.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - É soja?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Soja, trigo, vamos fazendo essas...

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - E vocês plantam com trator?

Como é esse plantio?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Com trator.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - De vocês mesmo?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Hoje se tu for plantar na enxada, tu não consegue.

Nós mesmos. Plantamos, pagamos, colhemos...

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Compram sementes e tudo?

**O SR. LEONIR FRANCO** - O problema é que...

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Mas sem crédito.

**O SR. LEONIR FRANCO** - É que, na maioria... Tu às vezes consegue. Tu às vezes consegue no bigode. Às vezes, tu consegue pelo sobrenome. Tu é um cara certo, de uma família boa, tu consegue.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Que é o que vale mais no fim das contas.

**O SR. LEONIR FRANCO** - É, no fim das contas, é o que vale mais. Por que eu citei aquilo no começo? Se fosse seguir essa linha, se, caso não pagasse, porque não é tomado o plantio? Se ele plantou e não pagou, é uma área federal, por que não tomam a planta dele?

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - E esse trator lá é propriedade de uma associação ou é de alguém?

**O SR. LEONIR FRANCO** - É da associação.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Pertence à associação indígena lá.

**O SR. LEONIR FRANCO** - É. E hoje o que o índio consegue, a maioria das famílias, é através de fiador. Tipo tu compra ali e dá o nome dele de garantia. Se tu não pagar, ele paga. Infelizmente, é isso que acontece. Ser índio não é fácil. (Riso.)





**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Bom, agradeço novamente. Não sei se os colegas estão satisfeitos, mas agradeço novamente sua presença e a sua gentileza do senhor de nos acolher e conversar conosco. Vamos levar suas sugestões, que estão gravadas e vão para os Anais da CPI.

E vou pessoalmente fazer um pedido. Se o senhor sentir que qualquer situação de conflito se agrava e se vir que não se resolve através do pessoal local, pode nos acionar, que vamos tentar...

Aliás, antes disso, nós temos ideia de encaminhar algumas sugestões — não é, Dr. Marcelo? —, para que isso seja melhor gerenciado localmente. Nos já falamos hoje de manhã com o Delegado-Chefe da Polícia Federal, para que realmente haja uma vigilância maior, um atendimento maior nessa questão de violência, porque, assim como o senhor, graças a Deus, não foi vítima fatal, não gostaríamos que isso acontecesse nem com o senhor nem com ninguém lá.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Conflito interno, né?

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Nem interno, nem externo. Não gostaríamos que acontecesse novamente.

Então, por favor, acione as autoridades públicas. Se o senhor vir que não está encontrando o respaldo necessário, o senhor pode nos acionar, que nós vamos tentar fazer o possível. Não é da nossa atribuição, mas vamos tentar fazer com que isso aconteça.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Hum, hum. Depois disso que aconteceu, a Brigada de Cacique parece que mudou, sabe? Eles estão atuando mais nessa parte. Hoje, no que eu precisar eu ligo. Não preciso mais estar incomodando o Almeida, que é o responsável hoje, que trabalha com nós.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Ah, que ótimo.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Bom, parece que deu uma mudada. Mas, nós falamos tudo aqui. Nós estamos em três índios aqui, falamos o que nós achamos, como é que está. O que vocês acham? Qual seria o ponto de vista, mais ou menos? Se fosse encerrar o relatório, o que ia ser colocado?

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Quem faz o relatório é um Parlamentar. O Relator da CPI é o Deputado Federal Nilson Leitão,





que é do Mato Grosso do Sul. Então, não temos, evidentemente, controle. Nós vamos prestar informações.

O que podemos prestar para o senhor é as opiniões pessoais, por assim dizer, impressões.

A mim parece — e aí é bem pessoal — uma indignidade manter os senhores na situação que vocês estão. Eu preferia que vocês estivessem em condições bem melhores...

**O SR. LEONIR FRANCO** - Hum, hum.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - ...porque eu sei que isso é o foco de tensão e que gera todo um conflito regional, aí envolvendo comunidades, etc. Eu vejo outras comunidades, como lá de Votouro, onde não há conflito, que eles têm um ótimo relacionamento com os agricultores brancos, eles têm ótimo relacionamento com a Prefeitura, coisa e tal, e eu, sinceramente desejaria para todos vocês isso. Então, o que eu penso é que essa questão realmente tem que ser solucionada. E eu sou um homem, na verdade, muito prático. Então, por mais que eu respeite as suas convicções de historicidade, de apego à terra, de local, eu, por essas questões de humanidade, seria muito prático e resolveria de qualquer forma. Se não demarcou, eu não esperaria esse tempo.

Eu sugeriria, sim, adquirir uma terra para o senhor, que tivesse eventualmente alguma historicidade, para que vocês pudessem conviver, mas para acabar logo com essa confusão e ter condições de dar melhor condições de vida para vocês. Essa é a minha opinião. Se dependesse de mim, eu conduziria dessa forma. E, se alguém perguntar a minha opinião, é nesse sentido.

Então, o senhor até me perdoe, se eu não tiver respeitando o vínculo de vocês com a terra e especificamente com aquele local onde estão, mas eu seria muito prático, porque eu acho que manter crianças, vocês, famílias numa situação de indefinição e de vulnerabilidade, sem acesso à saúde direito, sem acesso a segurança, escola e uma série de coisas eu acho uma desumanidade.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Ali, hoje, o que tem lá, foi tudo nós que construímos. Se tem uma escola improvisada, é nós; se tem um posto improvisado, é nós. É tudo. Mas vamos dizer que eu ia encerrar — não sei se vocês vão concordar comigo — esse levantamento, vamos dizer, eu ia dizer que tanto o laudo





da Federal quanto o de vocês, no fim das contas, ia fechar um só, né? Vocês estão aqui para ver qual é o problema que está... por causa de que está esses problemas com retomada, porque esses conflitos internos, tudo isso aí, né? Resumindo, seria o quê? Eu ia botar que seria falta de terra. Vocês acham que não é por aí?

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não, a nossa leitura é muito clara. Para nós, também é falta de terra.

**O SR. LEONIR FRANCO** - A minha leitura ia ser isso. Mas isso eu vivo lá dentro, eu vivo o dia a dia.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Só que, o senhor me permita — o senhor até não confirmou isso —, mas nós, em outras situações já tivemos oportunidade de identificar que há também um problema de gestão de terra nas reservas...

**O SR. LEONIR FRANCO** - Sim, por isso que eu... resumindo...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - ...e que acaba gerando pressão. Às vezes os indígenas não têm acesso à terra dentro da própria reserva.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Dentro da própria reserva. Então, por isso que eu digo, juntando tudo fecha um... Porque das vezes... Eu não vou dizer que... Tipo, vamos pegar a liderança de Charrua, do Ligeiro. Eu tenho na minha liderança lá, dez. Aí, se eu dividir... O Ligeiro teve época que foi dividido. Deu o quê? Meio hectare por família. Então, em meio hectare eu ia plantar batata e mandioca. Eu não ia comer carne, eu não ia vestir meus filhos. Ou teria que desmatar lá o pouquinho que nós temos de mata, né?

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Mas eu ouvi dizer — eu não conheço — que há outra situação...

**O SR. LEONIR FRANCO** - Tem outra situação.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - ...com terra, com muito mais terra...

**O SR. LEONIR FRANCO** - Hã, hã!

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - ...e que mesmo assim gera conflito...

**O SR. LEONIR FRANCO** - Está na mão de poucos.





**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - ...porque, às vezes, um pega mais que o outro, aquele negócio todo.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Eu acho que nesse ponto de vista também acho teria que ter uma fiscalização mais interna. Eu não vejo problema nenhum de ter um posto hoje da Brigada lá dentro, da Polícia Federal, no caso, porque eu não tenho interesse de ter mais que esse, ter mais que aquele. Isso também gera...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Ou seja, o poder público também teria que estar dentro.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Isso também gera conflito.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E servir como mediador também, não é?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Vocês podem até achar que nós saímos do Ligeiro lá, para retomar aqui, porque nós brigamos, teve um conflito interno. Então, hoje, tu pega Ligeiro, tu pega Forquilha, Faxinalzinho, Mato Castelhana, sem contar o pessoal que está por fora aí. Eu volto lá com 64 famílias, Mato Castelhana, vem tudo. Já tem quase 2 mil famílias. Vai mais ali cerca de 500 famílias. Quatro mil hectares, sendo mil e tanto para plantar, tu acha que ia dar o quê?

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mais pressão interna, conflitos.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Interna, morte, tiro. Se nós voltasse ali, automaticamente eu tinha que voltar. Eu tinha que achar meu canto para eu não entrar nisso.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O problema central é acesso à terra. O senhor tem razão.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Então, se fosse... Está certo, o tempo de vocês é curto, mas se fosse entrar mais dentro, vocês iam ver a realidade. Aí, sim, vocês iam ver o que é a pele do índio. Eu não vou poder... Imaginem eu brigar com meu irmão aqui por causa de terra.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Sabe uma coisa que eu acho também? Eu acho que tem muita gente dando opinião em tese e não faz isso que nós fizemos de vir conversar dentro da reserva. Acho que o poder público tinha que ter funcionários que fossem lá para dentro.







**O SR. LEONIR FRANCO** - Desde que eu assumi, minha palavra é essa. As minhas conversas são essas, e a realidade é essa. Eu já tive... Teve uma época que teve até a Band ali. Levantou, também foi até o Ministro. Isso acontece. Não adianta eu querer fugir, porque é isso o que acontece. Mas o problema por que acontece isso tem que ser levantado. Então, vão ter que ver bem a fundo para ver qual é o motivo de tudo isso aí. No meu ponto de vista, acho que no ponto de vista até dele aqui, o problema é terra. Ou eu saio de lá, venho aqui ao frigorífico com 30 índios e me emprego ali, ganho o Minha Casa, Minha Vida ali, e a vida vai ficando difícil, entra droga, tudo isso aí, coisa que hoje não existe nas áreas. Se há uma coisa de que nós nos orgulhamos... Tem político que fala, tem pessoal... Não vou dizer que... Tem Brigada, Civil, Federal, tem gente que fala que índio é tudo bêbado, tudo igual. Não é, gente! E, se tem índio bêbado, pode ser bêbado, mas é melhor que mexer com pó, com uma cocaína. É vantagem isso, porque ele pode estar bêbado hoje; amanhã ele está são. Agora, o cara ficar doidão ali, cheirando porcaria, é muito pior, né?

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Nós vamos ter que encerrar. Temos que voltar ainda, e o Dr. Marcelo tem um monte de trabalho para fazer. E nós temos ainda voltar e ir embora. De novo, muito obrigado.

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Deixa eu só fazer uma observação.

Quero aos senhores que a Polícia Federal está à disposição de vocês. A nossa atuação é de polícia judiciária. A manutenção da ordem pública é da Polícia Militar.

E quero dizer que a Polícia Federal entende que qualquer manifestação é legítima, desde que feita de forma ordeira. A Polícia Federal não admite agressões, ameaças, intimidações, qualquer tipo de extorsão, porque aí o movimento perde a qualificação e a razão de existir.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Perde o foco.

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Aí a gente está indo para a parte criminal. E, indo para a parte criminal, aí vai ser tratado com juízo penal, onde certamente é coisa muito mais séria.





**O SR. LEONIR FRANCO** - É a coisa mais certa a fazer. É o que tem que ser feito.

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Então, o que nós esperamos e aguardamos é que realmente as coisas aqui transcorram de forma pacífica e tranquila. É isso o que a gente deseja.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Eu acho que, na metade deste mês, nós também, fugindo um pouco do assunto, nós vamos ter que fazer mais um movimento. O nosso processo está parado. Daí, o clima nosso agora com os agricultores levanta de novo. Claro, vai ser comunicado, vai ser pacífico. Mas é que nem eu falei...

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Desde que seja de forma pacífica, o senhor está no seu direito. O que não pode ocorrer é partir para nada que seja de depredação do patrimônio público, fechamento de estrada. Esse tipo de coisa não pode. Se ocorrer, a Polícia Federal vai estar presente, e aí vai dar conflito. Aí o movimento do senhor perde a legitimidade, não é?

**O SR. LEONIR FRANCO** - É, perde.

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - O senhor sabe disso, não é?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Eu sei disso.

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Tem consciência disso.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mas eu acho que há meios, e acho legítimo que o senhor faça a mobilização que tem que fazer sem que haja conflito. Acho que o senhor tem inteligência suficiente para saber como conduzir isso.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Eu sei.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Nós já vimos vários movimentos aí sem qualquer problema.

**O SR. LEONIR FRANCO** - É que, durante as nossas ocupações, manifestações, teve um conflito aí que não seria também... Na verdade, fugiu do controle da parte nossa e dos agricultores. Daí, como é que tu fica? Você ali... Está certo, tu está, tu ocupou ali, tu está bem dizer "ilegal" ali — entre aspas. Agora, o cara passar com uma 12 na frente ali, fazer tu ficar quieto, acho que também... Por isso que eu digo, se tem um, se for... Acho que teria que a Brigada estar mais junto,





que seriam os primeiros... Por último, se der conflito, como acontece, a Federal atuar e ver realmente, porque hoje nós temos fotos do que nós levantamos em São Caetano. Pode ser que eles também tenham foto nossa.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Foto de quê?

**O SR. LEONIR FRANCO** - Do conflito.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Houve uma briga generalizada entre eles.

**O SR. LEONIR FRANCO** - É. Agora, se nós, em vez de pegar e levantar bem essa questão...

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Mas, no caso específico, por exemplo, que o senhor foi alvejado e quase morto, a Polícia Federal agiu e efetuou as prisões.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Isso.

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Assim como, se o senhor também tivesse praticado algum crime, certamente a Polícia Federal iria agir.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Ia agir.

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Então, não há nenhum tipo de... A Polícia Federal sempre age quando necessário.

**O SR. LEONIR FRANCO** - Só que a gente teme isso, né, doutor? A gente teme, porque a demora às vezes acaba levando a isso.

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Mas essa demora ocorreu só aqui (*ininteligível*).

**O SR. LEONIR FRANCO** - A demora faz fugir do controle, não só da nossa parte, como da parte deles também.

**O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA** - Sim.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Muito obrigado.

Uma boa noite a todos.

